

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
IFCH - INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

Leticia de Almeida Rodrigues

MULHERES NO EXTERIOR: UM ESTUDO SOBRE MEDO E GÊNERO

PORTO ALEGRE

2015

Leticia de Almeida Rodrigues

MULHERES NO EXTERIOR: UM ESTUDO SOBRE MEDO E GÊNERO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais no curso de Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Luciana Garcia de Mello.

PORTO ALEGRE

2015

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, ao apoio da minha família, principalmente aos meus pais Walter e Janete que sempre me incentivaram a estudar e que, apesar de algumas pausas nos estudos e trocas de cursos, consegui concluir os meus estudos na faculdade. Agradeço também às entrevistadas que foram muito atenciosas em reservarem um tempo em suas agendas para responderem as minhas perguntas.

Muito obrigada aos meus professores dessa longa jornada, desde 2011, que me ajudaram na escolha final desse tema do TCC e a todo conhecimento adquirido, até então. Agradeço a minha orientadora, Luciana Mello, que sempre me deu suporte bibliográfico e teórico para que eu melhorasse, cada vez mais, me ajudando com preciosas sugestões.

Obrigada também aos meus amigos e, principalmente ao meu namorado, Renato, que esteve ao meu lado nos momentos de angústia e estresse por eu trabalhar o dia inteiro, fazer esse TCC e ainda ter que concluir mais quatro disciplinas na faculdade. Foi bastante tenso, mas graças a Deus consegui atingir os meus objetivos ao concluir essa pesquisa.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso problematiza a desconstrução do conceito de gênero feminino através de um estudo de caso realizado com seis doutorandas de diferentes universidades brasileiras que estudam ou já estudaram em outros países. O trabalho tem como objetivo principal analisar como essas mulheres, com idades entre 28 e 53 anos, estados civis diferentes e todas de classe média, têm enfrentado o medo e como isso se relaciona com as construções sociais de gênero. A análise das entrevistas apontou que, devido à independência, a oportunidades de estudo e à estabilidade profissional do sexo feminino, muitas mulheres estão buscando outros desejos pessoais que não são apenas a constituição de uma família. Com isso, elas têm viajado mais e enfrentado preconceito de gênero em diversos cantos do mundo e, conseqüentemente, o medo torna-se um sentimento frequente entre essas mulheres que permanecem certo período de tempo sozinhas em um país desconhecido.

Palavras-chaves: gênero; feminismo; estudo no exterior; medo social, primário e privado; realização profissional; cultura.

LISTAS DE FIGURAS

Figura 1 – Perfil das mulheres entrevistadas.....	8
4.2. Quadro de perguntas aplicadas.....	20
5.1. Análise de Medo e Gênero.....	31

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. ASPECTOS HISTÓRICOS	09
2.1 FEMININO X MASCULINO	09
2.1.1 Gênero	09
2.1.2 Dominação	11
2.1.3 Repensando a Dominação Masculina.....	12
2.1.4 Feminismo	13
3. VIAGEM E MEDO	15
3.1 Mulheres estão viajando mais	15
3.2 O que é medo?	16
3.3 Medo Social	18
3.4 Medo Primário e Medo Privado	18
4. NÃO SE NASCE COM MEDO, FICA-SE COM MEDO	19
4.1 Quem são essas estudantes?	19
4.3 Quadro de perguntas aplicadas	20
4.4 Mulher, estudante e família no Brasil	23
4.5 Reflexões sobre morar no exterior.....	28
5. VOCÊ TEVE MEDO?	30
5.1 Análise de medo e gênero	31
5.1.1. Medo como estado emocional.....	31
5.1.2. Medo Primário: auto-restrições e privações de liberdade	32
5.1.3. Medo Privado: modificações dos hábitos e alterações nas rotinas	33
6. CONCLUSÃO	36
7. REFERÊNCIAS	38

INTRODUÇÃO

É fato que há uma alteração no comportamento feminino: as mulheres estão viajando mais e levando uma vida mais independente do que antes. Pode-se dizer que, se por um lado as viagens têm aspectos positivos como o enriquecimento cultural, proporcionar autonomia e momentos de reflexão e lazer para fugir da rotina e do estresse do dia-a-dia; por outro lado, podem provocar medo, principalmente ao sexo feminino que ainda sofre discriminação de gênero, diante do imaginário da sociedade.

Todavia, tanto os estudos de gênero quanto os movimentos feministas têm demonstrado, constantemente, que o masculino e o feminino são construções sociais, tanto que Simone de Beauvoir já assinalava, em 1949, que não se nasce mulher, mas sim se torna mulher. Diante dos fatos expostos para essa pesquisa, tem-se buscado desconstruir tanto a ideia de gênero quanto desnaturalizar o próprio sexo biológico.

Para que as diferenças sociais entre ambos os sexos sejam revistas e modificadas, cabe indagar como o medo se insere na vida das mulheres e quais são as razões para que ocorra esse tipo de sensação de insegurança que faz com que elas se sintam apreensivas perante situações que possam gerar perigo iminente. A hipótese que norteia essa pesquisa é o fato de que o medo, em suas diferentes formas, é provocado pela sociedade que trata as mulheres de maneira desigual e, dessa maneira, provoca a sensação de vulnerabilidade.

Tem-se, portanto, como objetivo geral verificar a influência das relações sociais construídas a partir do gênero sobre o comportamento e os sentimentos femininos, de modo mais específico, o medo. Desse modo, os objetivos específicos são abordar e analisar que há dois tipos de medo social: o primário e o privado e que ambos fazem parte da realidade dessas e de outras mulheres que lidam com as diferenças e preconceitos relacionados ao gênero.

Para responder tais questões, adotou-se como objeto de estudo seis estudantes brasileiras de quatro Universidades Federais, de diferentes cursos e todas de classe média, que optaram por estudar, de seis meses a um ano, doutorado sanduíche do exterior, por meio de bolsa da CAPES. Optou-se por esse perfil de estudantes - conforme detalhado na figura 1 a seguir - justamente por estarem sozinhas em uma realidade completamente diferente da delas e convivendo com pessoas estranhas dos seus cotidianos durante certo período estimado.

Figura 1 – Perfil das Entrevistadas

Identificação	Estado Civil	Curso	Idade	Onde estudou
Entrevistada 1	Divorciada	Sociologia	53	Paris, França
Entrevistada 2	Solteira	Sociologia	28	Paris, França
Entrevistada 3	Solteira	Psicologia	29	Londres, Inglaterra
Entrevistada 4	Solteira	Sociologia	31	Paris, França
Entrevistada 5	Divorciada	Geologia	36	Lisboa, Portugal
Entrevistada 6	Solteira	Farmácia	30	Florença, Itália

Para verificarmos se o medo ocorre por serem mulheres e para sabermos o que realmente acontece estando longe, foram feitas entrevistas de natureza qualitativa com as seis estudantes acima, todas morando na Europa. Buscou-se, através da análise do conteúdo das entrevistas, captar como o medo social, em suas diferentes definições, manifestaram-se durante o tempo em que moraram no exterior, sem a presença de seus familiares e, muitas vezes, sem um conhecimento prévio do país e sem falar o idioma local de modo fluente. Nessa pesquisa de natureza qualitativa, utilizou-se como técnica a coleta de dados a entrevista semi-estruturada, realizada pessoalmente e por SKYPE. Em seguida, através da análise de conteúdo, buscou-se relacionar, aos temas propostos nas entrevistas, os elementos principais que norteiam essa pesquisa que são viagem, gênero e medo.

Dividido em três etapas, primeiramente, o trabalho apresenta aspectos históricos acerca das relações de gênero, citando importantes autores que tratam do tema proposto. Ainda em um contexto teórico e bibliográfico, na segunda etapa são analisados os diferentes tipos de medo e a importante influência deles no tema em questão, além de compreendermos a relação entre viagem e medo. Após, na terceira etapa desse trabalho são apresentadas as entrevistas que demonstram o conflito existente entre medo e gênero.

2. ASPECTOS HISTÓRICOS

Nota-se que, em tempos atuais, diante de uma série de mudanças sociais e políticas, as relações entre homens e mulheres estão se transformando constantemente. Com isso, torna-se cada vez mais evidente que o masculino e o feminino não se relacionam imediatamente a diferenças sexuais ou a diferenças biológicas entre os sexos, mas sim se relacionam frente às construções da sociedade que atribui determinadas tarefas para ambos os gêneros.

Apesar de todas essas diferenciações, é fato que as mulheres, diante de suas independências pessoais e profissionais, estão cada vez mais presentes nas universidades e no mercado de trabalho, buscando, portanto, formas de inserção social, relativamente, mais igualitárias. Nesse contexto e para reduzir as barreiras entre o universo dos homens e entre o universo das mulheres, faz-se necessário repensar as relações de gênero e as formas de dominação masculina em um contexto mais atual para ambientá-lo dentro da temática do feminismo.

Assim, é fundamental, portanto, discutirmos nesse capítulo os conceitos de gênero, dominação e feminismo para compreendermos, dessa forma, o porquê ser mulher gera medo social, sensação essa vivenciada por todas as seis entrevistadas para a presente pesquisa.

2.1. FEMININO X MASCULINO

Antes de explicarmos o porquê o fato de ser mulher e viajar sozinha para o exterior pode gerar polêmica devido à persistência em nossa sociedade em que ela deve assumir valores tradicionais, é fundamental abordar os conceitos teóricos de gênero, dominação e feminismo. Logo, mudanças sociais, políticas e educativas já ocorreram, continuam ocorrendo e toda essa nova geração de mulheres é responsável por essas transformações, porém, mesmo assim, é necessário debater esses temas para rever os conceitos que assumimos erroneamente acerca de gênero e dominação.

2.1.1 GÊNERO

Há várias formas de definir e pensar as relações de gênero. Por consequência disso, essa etapa tem como objetivo apresentar uma síntese dessa discussão, além de compreendermos, também, as três fases desse conceito.

A palavra gênero é formulada de acordo com a identidade adotada por um indivíduo que pode ser determinada biologicamente, psicologicamente ou socialmente. Desse modo, trata-se de uma abordagem cultural e histórica, não tendo, necessariamente, relação com aspectos anatômicos ou biológicos, denominados como sexo (STOLLER, 1968).

A partir das diferenças visíveis entre os dois sexos - feminino e masculino -, compreende-se

que gênero é uma construção social que determina as relações de poder e ordena, hierarquicamente, o convívio entre homens e mulheres (SCOTT, 1991). Por meio dessa constatação de que, biologicamente, ambos são diferentes que surgiu essa divisão ou desigualdade de papéis culturais, sociais, históricos e políticos. Todo esse processo de “não equidade” se dá por meio das representações sociais (MAGALHÃES, 2001).

É importante ressaltar, também, que esse conceito passou por três etapas evolutivas ao longo dos anos: a biológica, a bidimensional e a pluridimensional ou desconstrução de gênero. A biológica, que prevaleceu até meados do século XX, é a mais atrasada, pois além de apenas delegar funções já estabelecidas para ambos os gêneros de acordo com os sexos de cada um, essa etapa não só evita declarar a verdade, mas impede que ela aflore ou evolua (FOUCAULT, 1978).

A segunda etapa surgiu nos anos 60, ano em que as mudanças nas atribuições de gênero começaram a pregar a mensagem de “liberação” ou “libertação” e, foi nessa época, que algumas atribuições masculinas e femininas, com suas qualidades opostas, deixaram de ser seguidas (BARROS, 2008). Já o último modelo e o mais atual é o pluridimensional, também conhecido como desconstrução de gênero que, a partir dos anos 80, tornou-se um “complicador” na teoria de gênero por quebrar paradigmas impostos pela ciência e pela sociedade, determinando as novas diferenças de atitudes e comportamentos entre homens e mulheres. Dessa maneira, apesar dessas atribuições, carregadas de ideologias, impostas para cada um dos gêneros, o ser humano que se torna mulher não precisa ser necessariamente mulher, nem o homem precisa ser homem (BUTLER, 2003). Ou seja, as diferenças de personalidade entre os sexos são criações culturais às quais cada geração, masculina e feminina, é treinada a conformar-se. Persiste, entretanto o problema da origem dessas diferenças socialmente padronizadas (MEAD, 1962).

Aliás, é necessário sabermos que essa discussão, por mais que seja necessária, não é simples, pois envolve um questionamento acerca da mulher enquanto reprodutora e responsável pela constituição familiar. Além do mais, nesse estudo em questão, a prioridade por seus estudos e objetivos profissionais podem anular ou retardar o processo de formação familiar.

Diante do exposto, esse trabalho de conclusão, que adota como objeto de estudo mulheres estão mudando os papéis impostos pela sociedade e estão se dedicando, cada vez mais, aos seus estudos e às carreiras profissionais, construindo um futuro em que elas decidem o que fazer e para onde ir, está inserido na terceira etapa de desconstrução dos papéis femininos que precisam ser repensados diante de uma nova realidade. Para além das divisões entre o masculino e o feminino, supõe-se, portanto, que as transformações no comportamento das mulheres devem ser pensadas sob uma perspectiva mais ampla e mais humanista, considerando todos os aspectos culturais, sociais, econômicos, religiosos e políticos em que todos estão inseridos.

2.1.2 DOMINAÇÃO

Dominação ou dominação masculina é um conceito empregado pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu para explicar o modo como se mantém e se reproduzem as relações hierárquicas entre homens e mulheres. Essa dominação é reproduzida, de maneira ideológica por nossa sociedade, e está inserida, há séculos, por meio de nossas formas de pensar, comportar, sentir e falar, sem, muitas vezes, percebermos que existem esses padrões inconscientes de estruturas masculinas em todos os ambientes de convívio. Assim, não apenas no âmbito doméstico, mas também é evidente essa relação em nossas instituições de ensino e nas atividades profissionais em que “todos incorporam sob a forma de esquemas inconscientes de percepção e de apreciação as estruturas históricas da ordem masculina” (BOURDIEU, 2002).

De acordo com o autor, essa forma de dominação é reforçada também pelas próprias mulheres que reproduzem as representações que as depreciam na ordem social. Logo, assume-se que essa “dominação” da figura masculina é defendida por muitas delas que aceitam essa imagem de eterna “submissa”, adotando, inconscientemente, essa postura. Além de ideias formadas sobre o homem e a mulher, ao analisar socialmente o termo em questão e, segundo a visão de Bourdieu, observa-se que é o “macho” quem estabelece as regras e a mulher lhe deve obediência. Entretanto, essas afirmações são criticadas por feministas que discordam de todas essas afirmações.

Todas essas fundamentações, por mais arcaicas que sejam, fazem parte de um sistema global de relações, pelo qual, constantemente, reforça-se esse papel da dominação assinalado por Bourdieu que defendeu sua teoria, contestando as estratégias dos movimentos feministas que criticam e querem romper com a dominação. Considerada, também, uma forma particular de violência simbólica, essa dominação é enfraquecida desde o momento em que as mulheres se tornaram autônomas e responsáveis pelos seus próprios corpos a ponto de decidirem se querem ou não ter filhos, não dependendo mais dos homens para tomar esse tipo de decisão. Muito pelo contrário, elas estão se tornando cada vez mais independentes, assumindo cargos de liderança e sustentando, sozinhas, seus lares. Dessa maneira, ressalta-se que, no inconsciente delas, oposto à *persona*, esse aspecto é expresso como uma personalidade interna masculina, que para a psicologia é denominado “animus” (JUNG, 1980).

A liberdade que as mulheres estão conquistando, aos longos dos anos, faz com que as mesmas decidam sobre suas vidas, mesmo que para isso tenham que morar em outro país e abdicarem temporariamente de suas vidas no Brasil, com intuito de enriquecimento cultural e profissional. Portanto, por mais que existam mecanismos de dominação em nossa sociedade, cabe ressaltar que as estudantes entrevistadas para esse trabalho não compactuam para a manutenção dessa ordem. Porém, constata-se que elas e outras mulheres independentes e bem-sucedidas, por

mais que lutem por reconhecimento, estão sujeitas a vivenciarem preconceitos, em qualquer parte do mundo, por conta dessa dominação masculina construída há muito tempo e que acaba prejudicando as relações sociais.

2.1.3 REPENSANDO A DOMINAÇÃO MASCULINA

Antes de ressaltar as conquistas ao longo dos anos, é importante entrarmos em uma discussão acerca da dominação masculina interpretada por Bourdieu (1999). Para ele, para se compreender essa dominação, imposta pela sociedade patriarcal, é importante analisar as estruturas inscritas na objetividade e na subjetividade dos corpos feminino e masculino. Para os sujeitos dominados, que são as mulheres, há uma forte tendência à submissão feminina através de seus corpos que deixam de ter um aspecto físico para assumir um aspecto cultural. Pode-se dizer, que, em contrapartida com o inconsciente social de que as mulheres são tratadas como objeto, por mais que Bourdieu constate essa afirmação, ele se coloca também numa posição diferente a essa lógica, isto é, de um sujeito isento e que não se contamina pela “visão masculina”, visão essa adotada pela sociedade (CORREA, 1999).

Essa dominação ou “violência simbólica” assume esquemas inconscientes de percepção e de apreciação das estruturas históricas da ordem masculina (BOURDIEU, 1999). Assim, é a partir dessa forma de agir e pensar perante a sociedade que há preconceito e divisão de atribuições entre os sexos, como se fosse algo natural, dispensando justificativas para tais comportamentos (BOURDIEU, 1999).

Perante essas constatações do autor que é neutro, por apenas informar e tentar entender como essa estrutura machista e conservadora se formou, há críticas de movimentos feministas que o acusaram de defender essa visão masculina. Porém, apesar dessas controvérsias, seus pensamentos são importantes em debates de gênero em todos os domínios para entendermos como surgiu e como se estruturou o conceito de dominação (DUTRA, 2015). Em vista desses contrapontos analisados, nota-se que o medo social, sentido pelas mulheres entrevistadas, é criado pela sociedade que assume comportamentos arcaicos e conservadores.

Em um aspecto histórico, para as mulheres, o início do século XIX foi marcado por um pensamento machista que era acompanhado pela Igreja Católica e pela ciência que acreditavam que a mulher, por natureza, era inferior e fraca, devendo apenas estar reservada às funções de procriação e aos afazeres domésticos e, portanto, por estarem ocupadas com as tarefas de seus lares, na maioria das vezes não podiam estudar e nem trabalhar, tarefas essas destinadas somente aos seus esposos provedores (SANTOS e SACRAMENTO, 2011).

Submissa e fragilizada por seu sexo biológico, a mulher, durante muito tempo lutou por seus

direitos, oportunidades, reconhecimento e igualdade. Mesmo com empecilhos da Igreja Católica, ela deixou de ser um sujeito passivo na sociedade e, a partir do final do século XIX, passou a agir ativamente em busca de um novo papel na sociedade que vai além de casar e ter filhos. Porém, observa-se que o processo de evolução quanto aos papéis de gênero foi lento e gradual, ou seja, as identidades “masculina” e “feminina” são estabelecidas através de proibições que impõem a perda de determinadas formas de viver a sexualidade e que reprimem o luto por essa perda (BUTLER, 1997).

Além de obter destaque no mercado de trabalho, ao passar dos anos, a mulher também descobriu o poder de sua sexualidade, optando em ter ou não ter filhos, e por escolher seu parceiro que antes a decisão era de sua família. Com isso e com a invenção da pílula anticoncepcional nos Estados Unidos em 1960 (HARTL, 2015), ela foi conquistando total autonomia em suas escolhas e, conseqüentemente, passou a se dedicar mais aos estudos e a sua vida pessoal, preocupando-se menos com questões tradicionais.

Nos tempos atuais, nota-se uma ruptura com os padrões da mulher do passado. A mulher contemporânea assume diversos papéis, entre eles o de mãe, o de esposa, o de dona-de-casa, o de solteira, o de estudante e o de profissional ativa. Economicamente estável, a mulher, que antes era sustentada por terceiros, pode usufruir atitudes consideradas socialmente reprováveis como viajar sozinha, ter um emprego que a realize profissionalmente e até ter uma vida sexual independente. Devido a essa nova fase de maior igualdade e assumindo papel de agente transformador de uma sociedade, nota-se que a situação da mulher há, ainda, muito que evoluir diante do conservadorismo.

2.1.4 FEMINISMO

Ao contrário do significado de dominação masculina, citado no tópico anterior, é importante discutirmos sobre essa organização social chamada feminismo para entendermos a relação da mesma com o tema desse trabalho de conclusão de curso.

Antes de explicar o contexto histórico desse termo, é necessário sabermos o seu significado conforme o Dicionário Aurélio que afirma que “o feminismo é um sistema dos que preconizam a ampliação legal dos direitos civis e políticos da mulher ou a igualdade dos direitos dela aos do homem”. Ou seja, é um movimento social, filosófico e político que não prega o ódio, nem ao poder das mulheres sobre os homens, mas sim clama, principalmente, por equidade de direitos, por respeito, pelo fim da dominação do gênero masculino sobre o feminino e pela libertação de padrões opressores patriarcais que persistem nos dias atuais e em todos os cantos do mundo.

O movimento feminista surgiu em 1789, durante a Revolução Francesa, época em que

também surgiu o Iluminismo e vai até o final da Primeira Grande Guerra. Dividido em três fases distintas ou três ondas, a primeira etapa surge como um movimento organizado apenas após a Revolução Francesa e tem por objetivo criar as primeiras tentativas de igualdade, principalmente em termos de propriedade e contratos entre ambos os gêneros. Dessa maneira, além de criar alternativas para acabar com o sistema de que as mulheres são propriedades de seus maridos, empenhou-se, nessa fase, em gerar melhores oportunidades à educação feminina, tendo como principal conquista o direito ao voto em 1920, nos Estados Unidos, durante o movimento sufragista. Logo, este primeiro momento do feminismo é marcado pela igualdade, preocupando-se em identificar as causas da discriminação das mulheres, principalmente por meio dos direitos civis e políticos (LUCENA, 2010).

Apesar das primeiras conquistas relacionadas à primeira etapa do movimento feminista, foi somente na segunda onda, após a década de 60 que, de fato, ele se consolidou e se alastrou para diversos países industrializados, buscando, desde então, liberdade e novos valores que possam promover a transformação e reconhecimento da mulher entre as relações sociais. Desde então, esse movimento tem a finalidade de acabar com idéias de inferioridade, tal como a de que as mulheres não são capazes de desempenhar atividades profissionais consideradas apenas masculinas, por exemplo.

Cansadas de agradar somente os outros e não a si mesmas, as mulheres tinham essa necessidade de se sentirem “úteis” e não viverem mais apenas para seus esposos e filhos. Elas precisavam de algo mais, além de atividades domésticas que se resumiam em cuidar de uma casa e dos filhos que as anulavam completamente. Portanto, elas viviam frustradas, deprimidas, em uma crise de identidade; “elas vivem, elas cumprem um papel” (FRIEDAN, 1963).

Em 1975, a ONU elegeu o Ano Internacional da Mulher e, entre os anos de 1976 e 1985, a Década da Mulher. Além disso, as mulheres foram ocupando cada vez mais espaço público.

Já a terceira onda pode ser identificada a partir de 1990. Durante essa fase, há focos principais no combate à desigualdade das mulheres, resultante de diversas temáticas atuais como orientação sexual, etnia, raça, situação econômica e educacional. Além do mais, é importante salientar que, apesar do levantamento de novas questões relativas aos diferentes tipos de mulher, independente da orientação sexual, essa onda não é radicalista e propõe um movimento chamado “Feminismo da Diferença” que argumenta haver diferenças significativas entre ambos os sexos (LUCENA, 2010).

Segundo Relatório sobre Desenvolvimento Mundial de 2012, as mulheres representam 43% da força de trabalho e mais da metade dos estudantes universitários do mundo. Logo, observa-se que as mulheres estudam mais e, conseqüentemente, esse percentual de profissionais do sexo feminino irá se tornar ainda maior, constatando a importância da participação delas para o

crescimento da economia no mundo.

A partir do que foi exposto, constata-se que o movimento feminista contemporâneo teve grande contribuição para o crescimento do número de mulheres em salas de aulas e nas empresas, assumindo posições de chefias. Ou seja, observa-se que o movimento feminista contemporâneo teve grande contribuição para esse avanço. Apesar de muitas conquistas, é preciso ainda muito reconhecimento por parte da sociedade e maior aceitação do fato de que as mulheres são livres para decidirem o que querem de suas vidas, mesmo que a decisão seja abdicar de papéis considerados tradicionais para se dedicar aos estudos de doutorado no exterior, assunto esse que será abordado nos próximos capítulos.

Além da multiplicidade de papéis que a mulher vem protagonizando em seu dia-a-dia, apura-se que as regras sociais expostas até então não são fixas e, portanto, devem ser repensadas e alteradas de acordo com os novos padrões sociais e comportamentais do sexo feminino.

3. VIAGEM E MEDO

3.1. MULHERES ESTÃO VIAJANDO MAIS

Por causa da independência financeira feminina, o número de mulheres que viaja sozinha, tanto a lazer quanto a estudos ou trabalho tem crescido muito nos últimos anos. De acordo com uma pesquisa feita pelo portal TRIP ADVISOR, especialista em viagens, no ano de 2015, 25% das 9.852 entrevistadas - 671 brasileiras - já viajam sozinha, pelo menos, uma vez ao ano. Dessa maneira, observa-se, nessa mesma investigação que os principais motivos para esse tipo de atitude que ressaltam a independência e a autonomia dessas mulheres são: a liberdade de escolha (65%) e a falta da companhia de amigos, namorados ou cônjuges e familiares (30%) para se aventurarem com elas. Além do mais, nesse mesmo estudo ter mais independência (50%), mais confiança em si mesmas (52%) e a aprender mais sobre outras culturas (51%) são benefícios extremamente importantes para que elas priorizem essa decisão.

Essas mesmas mulheres, por estudarem mais e serem mais cultas, têm buscado, no destino escolhido, atrações culturais (88%), gastronomia local (70%) e compras (48%) (TRIP ADVISOR, 2015). Aliás, importante ressaltar que outro dado significativo da pesquisa é que uma entre quatro brasileiras estão embarcando sozinhas e confessam que se sentem mais ricas culturalmente e que, desse modo, proporciona maior libertação a elas.

Em razão da autonomia que conquistaram, elas, por estarem viajando mais, preferem a própria companhia ou de amigas, justamente por se sentirem mais livres para fazerem o que bem quiserem. Além disso, a procura por um destino a lazer pelas viajantes (48%) é maior que a trabalho (6,3%), portanto, elas também estão se divertindo mais e com maior independência financeira e

pessoal.

Para refletirmos sobre o significado social da viagem e a pensarmos do ponto de vista sociológico, recorreremos à sociologia do turismo que é a ciência que surgiu da necessidade de estudar a profunda alteração de valores que abala a sociedade industrial moderna em que as pessoas modificam as suas rotinas e seus planos para fugirem de suas realidades urbanas em busca do novo, do desconhecido, de uma experiência, até então não vivenciada, para se libertarem da dependência social e profissional (KRIPPENDORF, 2009).

Principalmente para escapar da realidade, quem viaja, além de planejamento financeiro e temporal, encontra nos destinos escolhidos para lazer ou moradia o próprio equilíbrio emocional, escapando das tensões e problemas diários (KRIPPENDORF, 2009). Por se libertar da monotonia diária como ir do trabalho para a casa e de casa para o trabalho, enfrentar o estresse do trânsito e das filas dos bancos, ao transitar em outro lugar o viajante aproveita o tempo livre conquistado por meio do trabalho para satisfazer desejos reprimidos no cotidiano (KRIPPENDORF, 2009).

Entretanto, em outro ponto de vista, viajar também pode provocar medo social nas pessoas pelo fato delas terem que encarar uma realidade desconhecida e que, muitas vezes, pode ser ameaçadora diante da expectativa de sair de suas rotinas e experimentar o novo e nunca vivenciado. Portanto, pode-se dizer que a ideia da mudança de hábitos pode provocar medo social ao proporcionar uma modificação nos planos como a não concretização de uma viagem devido ao medo primário (BAUMAN, 2006) que impede com que a pessoa viaje por causa de situações, imaginárias ou não, que possam causar tragédias irreversíveis como um acidente aéreo ou de trânsito; ou devido ao medo privado (BAUMAN, 2006) que, ao causar bloqueio emocional e, ao imaginar situações que podem não ocorrer, essas mulheres podem adiar seus planos ou seguirem outro caminho não satisfatório, por conta da vulnerabilidade de gênero.

Como já foi abordado, por serem mais suscetíveis a esse medo, as mulheres podem se sentir mais coagidas por causa da discriminação de gênero, das cobranças pessoais e dos padrões tradicionais que precisam ser seguidos (RENNÓ JR, 2007).

3.2. O QUE É MEDO?

A palavra medo, como sentimento, de uma forma geral, segundo definição do dicionário Aurélio, tem por significado: “1. Estado emocional resultante da consciência de perigo ou de ameaças, reais ou imaginárias; 2. Ausência de coragem; 3. Preocupação com determinado fato ou com determinada possibilidade; 4. Alma do outro mundo”. Ademais, inúmeros sinônimos como: estado de alerta, acovardamento, ansiedade, angústia, apavoramento, desassossego, entre outros, podem substituir esse conceito (D’ELIA, 2003).

Para Freud (2006), a angústia ou *angst*, em seu objeto de estudo dentro da psicanálise, é o

termo utilizado pelo autor para designar sofrimento psíquico causado pelo medo, podendo levar à fobia. Entretanto, em um ponto de vista biológico, essa sensação ocorre em consequência da liberação de hormônios como adrenalina, que causa, imediatamente, aceleração dos batimentos cardíacos, preparando o indivíduo para uma possível luta ou fuga que é desenvolvida pela existência de algum risco perturbador.

Dentro da área da sociologia e o que nos interessa realmente assinalar para a elaboração desse trabalho é que, observa-se uma sensação de insegurança e que tem acompanhado, principalmente, a maioria das mulheres, em qualquer parte do mundo. Conforme uma pesquisa realizada pela agência escola de comunicação Énois Inteligência Jovem, essa vulnerabilidade que elas sentem é, também, um problema social de gênero e não é só uma questão de falta de segurança pública (GOMES, 2015). Além disso, constatou-se, nessa mesma pesquisa que 90% das 2.285 mulheres brasileiras entrevistadas, com idades entre 14 e 24 anos, das classes C, D e E, afirmaram que já deixaram de fazer alguma atividade social por medo de violência. Assim, elas optaram por não sair à noite ou usar certas roupas para não receber cantadas constrangedoras.

Por haver certas características pré-estabelecidas socialmente e que são atribuídas aos homens e outras que são atribuídas às mulheres, ressalta-se, dessa maneira, que existem atividades, consideradas exclusivamente masculinas, como no esporte, por exemplo, que profissionais do sexo feminino sofrem assédio constante, porém estão tentando ser reconhecidas mundialmente. Assim, podemos citar casos empíricos de profissionais “skatistas” e capoeiristas. Casos esses em que as profissionais, por sofrerem discriminação de gênero e por tentarem reconhecimento em seus esportes, também são propícias a sentirem medo social.

Para se ter uma ideia, em uma pesquisa realizada pelo instituto Datafolha, divulgada em março de 2010, estima-se que exista aproximadamente 3.860.000 praticantes do “skate” no Brasil. Desse número, apenas 10% é do sexo feminino. Constata-se, dessa maneira, que o “skate”, assim como outros esportes que exigem força física, é visto pelo senso comum como sendo perigoso, por envolver riscos físicos e também, por exigir demasiado esforço e resistência, características que comumente não são associadas às mulheres (MACHADO, 20013).

Diante do exposto acima, as oportunidades são menores e as que se esforçam e são inseridas nesses esportes considerados “violentos” demais para elas, como por exemplo, a capoeira, precisam ser mais “machos que muitos homens” para terem seus espaços respeitados (BEZERRA, 2013), ou seja, elas são mal vistas pela sociedade que não as considera femininas o suficiente. Aliás, por mais que muitas acreditem ocupar uma posição de menor destaque no campo esportivo (BOURDIEU, 1983), elas estão se esforçando em busca de reconhecimento e igualdade intelectual e física, não só nas atividades esportivas, como em todos os campos profissionais (SÁ MACHADO, 2013).

Por isso, é necessário afirmarmos que há, portanto, uma negação contemporânea da natureza humana (PINKER, 2004) e que essa ruptura da submissão feminina é uma realidade que tem muito

que contribuir para a nossa sociedade.

Diante disso, tanto as entrevistadas para esse trabalho, quanto os exemplos citados acima acerca das atividades consideradas exclusivamente masculinas, observamos uma maior inserção das mulheres em todos os espaços, porém, com a falta de oportunidade que elas têm e com medo relacionado ao gênero que elas enfrentam, é necessária uma luta ainda maior para que elas comprovem que não têm limitações e podem desempenhar os mesmos papéis que os homens.

Pretende-se, com esse trabalho, compreender a relação entre gênero e medo, a partir das viagens que podem gerar sensação de insegurança, principalmente, entre mulheres que viajam sozinhas para permanecer durante um período relativamente longo em países estrangeiros.

3.3. MEDO SOCIAL

O medo social é muito mais comum do que imaginamos. Essa sensação de insegurança e que algo muito grave pode acontecer a qualquer momento, acontece, principalmente, em grandes metrópoles, quando a violência urbana é uma realidade nas grandes cidades. Por conta disso e da insegurança gerada, há dificuldade para distinguirmos realidade, imaginação e paranóia em razão da reação de cada um, diante de um perigo eminente ou não. Assim, é muito frequente alterar, afetar e atrapalhar os planos e a vida cotidiana da população mundial, mudando a rotina e modificando a personalidade das pessoas (BAIERL, 2004).

Constata-se que a pessoa com esse tipo de ansiedade é insegura, teme pelo seu desempenho, teme em fracassar, preocupa-se com a opinião dos outros e se sente observada pelo próximo (BAIERL, 2004). Além do mais, qualquer situação rotineira, para quem tem esse medo, pode ser um empecilho para sair de casa e, dependendo do caso, é necessário respeitar limites para a mudança cotidiana não ser tão radical assim.

As ideias construídas socialmente a respeito das diferenças de gênero podem levar-nos a considerar que o medo é um sentimento tipicamente feminino. Todavia, o que se pretende evidenciar é que, por causa dos motivos já explicitados acerca da vulnerabilidade das mulheres e das situações constrangedoras e machistas que elas precisam enfrentar constantemente, nota-se que elas são mais suscetíveis ao medo do que os homens. De uma forma geral, constata-se que a ansiedade feminina, ao longo da vida, é de aproximadamente 30%, comparada aos 19% do sexo masculino (RENNÓ JR, 2007). Essa diferença se explica pelas relações entre os gêneros masculino e feminino, isto é, resulta do tratamento social diferenciado que recebem homens e mulheres.

Nota-se, também, que são inúmeros os motivos que fazem com que elas sejam mais propícias a essa sensação de ansiedade, dentre eles: oscilações dos níveis hormonais, mudanças

recentes nos aspectos psicossociais, culturais e comportamentais do universo feminino como a realização de múltiplas tarefas simultâneas, maiores exigências profissionais, cobranças pessoais e discriminações de gênero (RENNÓ JR, 2007). Diante desses fatores desencadeadores, veremos nos tópicos a seguir que há dois tipos de medos sociais enfrentados que podem variar ou modificar de acordo com o grau de ansiedade da pessoa, independente do gênero.

3.4. MEDO PRIMÁRIO E MEDO PRIVADO

O medo primário (BAUMAN, 2006) é uma espécie de fuga ou, até mesmo, uma fobia que o ser humano enfrenta para evitar que a morte, na sua forma mais pura, aconteça. Ademais, trata-se de uma ansiedade exagerada que ocorre por conta da criminalidade urbana em uma determinada cidade grande que obriga as pessoas a ficarem em suas casas com medo de algum assalto, de serem raptadas, de levarem um tiro nas ruas e de não sobreviverem diante dessas situações (BAUMAN, 2006).

Diferente do medo primário, que impede uma pessoa de sair de casa com receio que aconteça alguma tragédia, o medo privado (BAUMAN, 2006), faz com que o indivíduo percorra caminhos mais longos para que ele não passe em uma favela ou em determinada rua isolada, por exemplo, evitando alguma situação que gere pavor. Caminhos esses que, por insegurança das pessoas, são mais longos, desnecessários e que podem gerar sérios transtornos como a não concretização de alguma tarefa importante, devido ao bloqueio psicológico e do tempo perdido para a realização de uma atividade cotidiana.

O medo primário é mais radical que o medo privado, pois altera e modifica a rotina das pessoas por questões de insegurança e violência, criadas ou não pelo imaginário delas (BAUMAN, 2006). Observa-se, portanto, que ambos os medos são distintos, porém, são semelhantes por proporcionar alterações no modo de vida que podem ser drásticas ou não. Dessa maneira, por serem mais suscetíveis ao medo, as mulheres, principalmente as que passam por mudanças radicais como, por exemplo, as doutorandas analisadas para essa pesquisa, constata-se que o medo social e como ele é apresentado na vida de cada uma das estudantes é uma constante no cotidiano delas por ainda haver uma forte discriminação de gênero.

Como veremos adiante, no capítulo 4, ao analisar as entrevistas feitas com as seis estudantes, nota-se a importância desse problema de pesquisa, justamente por ter sido criada, ao longo dos anos, uma imagem social do sexo feminino como um ser frágil, indefeso e propício ao medo.

4. NÃO SE NASCE COM MEDO, FICA-SE COM MEDO

4.1. QUEM SÃO ESSAS ESTUDANTES?

Nesse capítulo, serão apresentados resultados das entrevistas que foram realizados com estudantes que moraram temporariamente no exterior, com o objetivo de investigar a questão central sobre o medo social e a construção dele a partir de problemas relacionados à identidade de gênero. Avaliou-se ainda, secundariamente, o quanto a liberdade feminina, presente na escolha de fazer doutorado sanduíche no exterior, sozinhas, ainda gera um impacto social.

Todas contempladas com o Programa de Doutorado no País com Estágio no Exterior (PDEE) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), esse benefício foi desenvolvido pelo Ministério da Educação e tem por objetivo principal distribuir bolsas de mestrado e doutorado diretamente às instituições públicas e particulares de ensino superior. É importante explicitar que as universidades que participam desse critério de seleção necessitam ter cursos de pós-graduação “stricto sensu”, em qualquer área de ensino, avaliados pela agência com nota igual ou superior a 3 de 7, nota máxima da avaliação (PORTAL CAPES, 2011).

Além da nota da universidade pública ou privada, é fundamental que o aluno (a) que deseja ingressar a esse programa participe de um processo seletivo e se classifique no mesmo, tenha desempenho acadêmico satisfatório com notas exemplares e que se dedique integralmente à bolsa de pós-graduação, com duração mínima de 3 meses e duração máxima de 12 meses. Além do mais, é importante explicitar que os beneficiários contemplados com essa bolsa, assim como as estudantes pesquisadas para esse trabalho de conclusão, recebem uma série de auxílios, tais como: processo imigratório ao país de destino feito pela CAPES, seguro-saúde, mensalidade, auxílio deslocamento, auxílio instalação e auxílio cidade de alto custo.

As entrevistas foram realizadas pessoalmente e por SKYPE e, posteriormente, utilizou-se a análise de conteúdo para encontrar as respostas para as questões formuladas nessa pesquisa. A entrevista semi-estruturada contou com cinco perguntas e três perguntas de apoio, conforme apresentado quadro 4.2, a seguir.

4.2. QUADRO DE PERGUNTAS APLICADAS

1. Como surgiu a ideia de estudar no exterior?	2. Como foi a sua chegada no país?	3. Como é/era sua rotina no exterior? Qual a diferença de sua rotina no Brasil?	4. Qual a sensação de ser mulher sozinha, morando em um país estrangeiro? Como você se sentiu?	5. Tendo em vista que viajar para o exterior traz uma série de modificações para a sua vida, você sentiu medo?
1.1. Qual foi a reação da sua família?	2.1. Como você se sentiu e como foram os seus primeiros dias?	3.1. Você teve que mudar algum hábito relevante que você tinha no Brasil?	4.1. Na sua opinião, que diferenças existem em relações aos homens estudantes que também moram no exterior?	5.1. Em relação a questões familiares? Como ficou?
1.2. Você é casada, solteira, tem filhos? Se for casada, ele ou ela te apoiou?	2.2. Como foi o seu processo de adaptação?	3.2. Como é/era a sua vida social no exterior?	4.2. Como você percebe os papéis tradicionais reservados às mulheres, tais como casar e ter filhos? Faz parte dos seus planos?	5.2. Você sentiu medo do desconhecido em morar em um país distante?
1.3. Como você organizou suas coisas aqui no Brasil? Que providências você teve que tomar?	2.3. Como você fez para se instalar?	3.3. Que lugares você frequentava? Com quem?	4.3. Você não teme que sua rotina de estudos interfira na sua vida pessoal?	5.3. Você sentiu medo de quando voltar não ter reconhecimento em sua carreira ou de não conseguir o emprego que tanto deseja?

Como já explicado anteriormente, a entrevista aplicada às estudantes, que procura seguir uma linha cronológica dos fatos, foi elaborada com o intuito de explorar todo o processo de transferência de universidades, como elas organizaram as suas vidas no exterior, se elas sentiram medo em algum momento e como lidam com possíveis cobranças da sociedade em relação aos papéis tradicionais reservados para as mulheres, tais como os de mãe e esposa. Após, com a técnica de análise do conteúdo, explorou-se o material coletado, transformando-o em tópicos com trechos de falas das entrevistadas, às quais foram julgadas pertinentes para o estudo em questão, acerca das doutorandas no exterior, e como elas lidam com as dificuldades geradas e com o medo social por estarem longe e “desprotegidas” por serem mulheres.

Todavia, partindo das representações sobre o gênero, acredita-se que o medo se deve ao preconceito existente em relação às mulheres e à vulnerabilidade que elas sentem em um local desconhecido.

4.3. MULHER ESTUDANTE: SAINDO DO BRASIL E CHEGANDO NO EXTERIOR

Apesar de muitas conquistas ao longo dos anos como: o direito ao voto, a igualdade entre homens e mulheres, prevista na Constituição Federal de 1988, leis, projetos, políticas públicas e movimentos sociais da época, que iam desde a luta por moradia, até a conquista pela criação de creches nas fábricas e ingresso em universidades, ainda há desigualdade entre homens e mulheres.

Enquanto houver relações de gênero, as atribuições pessoais e profissionais serão divididas por gênero, o que limita a capacidade das mulheres perante a sociedade, transformando-as em donas do lar, esposas e mães. Embora, a situação não seja mais a mesma como antes, é importante observarmos que “o lugar da mulher sempre foi definido pelo homem, um ser absoluto, e que relega

à mulher uma posição secundária, um papel coadjuvante em nossa sociedade” (DE BEAUVOIR, 1949). Assim, analisa-se que essa postura imposta por nossa sociedade foi desenvolvida durante muitos anos e que, apesar de importantes avanços e conquistas por parte das mulheres independentes, elas ainda são obrigadas a conviver com limitações e conflitos impostos pelo sexo oposto e até mesmo por outras mulheres, gerando certa insegurança na construção de suas categorias sociais.

Por conta dessas “divisões de gêneros”, imposta por nossa sociedade, vivemos em uma sociedade machista que “supervaloriza” o sexo masculino e a figura de “superior” e “protetor” de suas famílias, representando liderança perante o sexo “mais frágil”. Durante muito tempo as mulheres tiveram que assumir apenas os papéis de mães e esposas, ficando de fora de espaços sociais importantes, tal como o mercado de trabalho. Apesar das mulheres estudarem mais e terem conquistados melhores posições em suas profissões, seus salários ainda não inferiores e ainda enfrentam assédios em seus trabalhos (HIRATA, 2001).

“Há uma cobrança muito forte da sociedade para que nós mulheres sejamos esposas e mães. E isso é forte entre os europeus também, apesar de que elas são mais independentes e mais bem resolvidas do que as brasileiras. Ao observar tudo isso por lá, voltei dessa viagem ainda mais independente e mais decidida em seguir os meus estudos”.

Entrevistada 4.

É fato que as mulheres estudam por mais tempo do que os homens e que elas são a maioria em salas de aula (IBGE, 2010). Ademais, é muito comum que, com o passar dos anos e com as afinidades que elas têm com suas áreas, elas optem por uma vida acadêmica, postergando ou conciliando a maternidade.

Para todas elas, priorizar os estudos para se focarem na carreira profissional que escolheram é mais do que natural. Com a rotina praticamente dedicada às pesquisas acadêmicas, não há - para a maioria delas - espaço em suas vidas para pensarem em casamento e filhos, pois ainda não é o momento certo, segundo suas próprias definições. Entretanto, para as duas entrevistadas que já são mães, postergar os estudos foi muito importante para que elas tivessem tempo e dedicação aos meninos e que, nesse momento, pretendem terminar seus doutorados e se aperfeiçoarem às suas carreiras, justamente pensando neles e oferecer a eles um futuro melhor.

“Meu filho veio no momento certo e eu o planejei, mas sempre quis fazer doutorado no exterior. Esperei ele ficar adolescente para seguir esse objetivo, mas pensando no futuro dele”. Entrevistada 5.

Além do mais, quatro delas estão preocupadas em continuar seus estudos no Brasil e, talvez, voltar ao exterior para suas pesquisas, não pensando, no momento, em papéis tradicionais que a

sociedade impõe a elas. É importante também ressaltar que todas as quatro entrevistadas solteiras e sem filhos estão bem seguras em suas decisões e não sentem medo e nem inseguranças em não priorizarem a formação de uma família. Porém, não descartam essa possibilidade futuramente.

“No momento, não penso em casar, mas gostaria de ter filhos no futuro. Mas acredito que para isso eu precise de estabilidade profissional e financeira, pois inverter as ordens, pra mim, dificultaria muito. E quando estes momentos chegarem, saberei conciliar o pessoal e profissional”. Entrevistada 6.

Logo, é fato também que estudar no exterior, por uma temporada, aumenta as chances de uma boa colocação no mercado de trabalho, além de citarmos que, por meio das viagens, encontramos um “antídoto” para a monotonia, ou seja, uma solução temporária para escaparmos dos problemas do dia-dia (KRIPPENDORF JOST, 2009).

É possível perceber, ao analisar as respostas das entrevistadas, que não há medo, por nenhuma delas, referente ao não cumprimento de papéis tradicionais e que não há uma preocupação para que isso ocorra.

4.4. ESTUDAR NO EXTERIOR: PROCESSO DE ADAPTAÇÃO

A partir do contexto exposto acima, serão analisados e discutidos como as entrevistadas, todas brasileiras, entre 28 a 53 anos, de classe média e de diferentes universidades, cursos e estados civis, conseguiram ou conseguem lidar com essa experiência em estar longe de suas zonas de conforto e, por outro lado, como elas lidam com a questão do medo.

Ao realizar as entrevistas com as seis estudantes, constatou-se que houve planejamento prévio para que elas pudessem morar, temporariamente, em outro país. Com o apoio de suas famílias, as dificuldades enfrentadas e o processo de adaptação não foram muito complexos. Porém, é importante ressaltar que as entrevistadas relatam alguns problemas em comum, como a burocracia envolvida para o processo de imigração, as dificuldades em encontrar algum lugar para morar, para falar de forma fluente o idioma local, para se acostumar com clima e com a comida, para se locomover, em caso da cidade ser muito grande, etc.

Com a primeira entrevistada, por ter 53 anos e por ter já morado na França há 20 anos, ela conta, que não teve maiores dificuldades com a adaptação ao país e que seu filho, já adulto, apoiou-a em sua decisão.

“Quando decidi que me mudaria para Paris durante seis meses para estudar, tive apoio da família, amigos e do meu filho que já é adulto. Como sou divorciada e com o filho criado, não tive dificuldades em convencer a família. Já todo o processo de imigração e transferência não precisei me preocupar, pois a CAPES cuidou de tudo e durou apenas três meses”. Entrevistada 1.

Como tudo foi planejado com antecedência, ao chegar lá, a doutoranda só teve problemas com a moradia, pois não conseguiu vaga na casa de estudantes como havia programado.

“Antes de me mudar, tive que quitar todas as minhas dívidas no Brasil para não ter problemas na França e nem de cobranças em Porto Alegre. Quanto à moradia, foi o meu único problema ao chegar ao exterior: não consegui vaga na casa de estudantes lá da Universidade e estava contando com isso. Como me planejei com bastante antecedência, tive que providenciar outra moradia antes de sair do Brasil, por indicação da minha amiga francesa, e consegui um apartamento bem localizado, próximo da Universidade. Morei sozinha durante seis meses”. Entrevistada 1.

Já, com a segunda entrevistada, que também morou em Paris, é evidente a diferença de uma estudante para outra. Mais jovem, a doutoranda de 28 anos, relata que houve planejamento com antecedência e que estudar fora era um sonho antigo, porém, não se adaptou com o clima, com a alimentação e nem com a cultura dos franceses, considerando-os sexistas e preconceituosos.

“Eu não gostei de me afastar do Brasil e, como foi tudo muito rápido, não me preparei psicologicamente para esse tipo de situação. Não pretendo mais voltar para a França e nem morar em outro país, apenas se for necessário por conta das minhas pesquisas do doutorado”. Entrevistada 2.

“Como estrangeira, eu senti muito isso. Paris é uma cidade extremamente difícil de conseguir morar e se adaptar porque o francês é muito diferente do brasileiro, é machista e não é nada receptivo. Além de arrogantes e desconfiados, houve muita discriminação por conta de eu ser estrangeira e solteira morando na França. Por mais que se tenha estudo e cultura, percebe-se de longe que somos de fora e já nos olham com desconfiança como se fôssemos roubá-los. O preconceito com a mulher, por lá, é muito forte”. Entrevistada 2.

“Não foi só na França, mas toda vez que eu ia tomar um café, ia a um cinema, ia à exposição ou a qualquer lugar sozinha, as pessoas me olhavam muito como se eu precisasse realmente de companhia para me sentir protegida. Teve um dia que eu estava em um restaurante em Paris, sozinha, e o garçom me perguntou se o prato era só para mim e se eu estava esperando o meu companheiro. Eles são bem estranhos, mas acabei me acostumando e, por causa desse tratamento, comecei a andar mais com a minha amiga que mora lá e com outros colegas da universidade para não ser mais alvo das atenções. Além do mais tive que ir em outras lugares acompanhada dessa minha amiga para evitar esse tipo de situação como essa do café”. Entrevistada 2.

A estudante também relata que durante o tempo em que morou na Europa, além da sensação de estar sendo observada constantemente por estar sozinha, seus colegas homens da universidade, que também eram estrangeiros, não relataram situações constrangedoras e não tinham a mesma sensação de medo. Assim, ela observou preconceito por parte do povo europeu.

Apesar da sua experiência no exterior ter sido válida para atingir seus objetivos profissionais, ela relata que não pretende voltar a morar em Paris. Mais difícil que lidar com o clima frio no inverno e com a cultura dos franceses, foi se adaptar à alimentação, pois a mesma relata que morar na França foi um desafio, pelo fato de ela ter restrição a qualquer derivado do leite. Observa-se, dessa forma, que foi necessária uma mudança repentina de hábitos.

“Tive que fazer uma dieta forçada e acabei emagrecendo um pouco por conta dessa adaptação com a alimentação. No início me sentia fraca, pois muita coisa não podia comer, mas depois fui me acostumando a me alimentar com restrições”. Entrevistada 2.

A segunda entrevistada conta que cresceu em contato com o mundo acadêmico, pois seus pais também estudaram no exterior quando ela era criança. Assim, o incentivo da família foi grande para que ela seguisse os mesmos passos, dedicando-se apenas aos estudos.

“Quando eu era pequena, saímos do Brasil por causa do pós-doutorado do meu pai. Já, na pré-adolescência, voltamos ao país e tive que morar em vários estados em função dos estudos da minha mãe que fez doutorado em Brasília, porém, sempre indo ao estado do Amazonas para fazer sua pesquisa de campo e eu sempre a acompanhava. Por conta de tudo isso e por eles terem vivenciado a mesma situação durante muito tempo e também por eu estar acostumada à vida acadêmica dos meus pais, desde jovem eu sabia que queria ter as mesmas experiências, o que facilitou na minha decisão e, por isso,

sempre tive o apoio da minha família, pois para eles o fato de eu estudar em outro país é fundamental para a manutenção dos meus estudos. Além do mais, foram eles que me ajudaram nesse processo de imigração para a França”. Entrevistada 2.

Solteira, o processo de transferência da entrevistada acima não teve muitos imprevistos como o fato de ter que deixar o cônjuge ou filhos, por exemplo. E também, por ela ter morado no exterior quando era pequena e em outros estados quando era adolescente, facilitou na adaptação, pois já tinham contato com outras culturas e idiomas. Para ela, o único fato que a incomodava era a solidão, de estar sem seu namorado, seus pais e seus amigos que ficaram no Brasil.

Outro fato semelhante que podemos observar com a terceira entrevistada é que ela sempre quis seguir a área de pesquisa em sua carreira, desde que começou a faculdade de Psicologia, e que morar em outro país sempre foi o seu sonho. Ela também conta que teve apoio dos familiares, mas que para ela não foi difícil ficar longe dos pais, pois no Brasil eles moram no centro-oeste e ela no RS. Para ela, ao retornar, o que vai ser difícil será lidar com o namoro a distância e pensar em uma alternativa para que ela e o namorado, que conheceu em Londres, fiquem juntos.

Com a quarta entrevistada também não foi diferente das outras duas já citadas. A estudante conta que teve apoio de seus pais, namorado e amigos que não ficaram surpresos com a sua escolha.

“Foi tudo bem planejando, pois foi algo que eu sempre quis, desde adolescente. Estudar no exterior foi uma excelente oportunidade para eu desenvolver a minha carreira de pesquisadora”. Entrevistada 4.

“Ele vai passar uma temporada comigo no Brasil, mas acho que vou acabar voltando, pois gostei muito daqui, apesar de todas as dificuldades e problemas de adaptação com as pessoas daqui”. Entrevistada 3.

Já a quinta entrevistada, foi um pouco diferente, pois ela é mãe de um menino adolescente e como seria muito burocrático levá-lo com ela para passar um ano em Portugal, em função do pouco tempo que teve para assumir a bolsa e também devido à burocracia com visto e escola de seu filho, ela se programou por poucos meses, mas que já queria passar por essa experiência há muitos anos, antes de seu filho nascer. Se afastar do menino foi difícil, porém a tecnologia facilita muito a comunicação entre eles.

“Tenho um filho adolescente de 14 anos e minha mãe e o pai dele estão cuidando dele nesse tempo. É difícil lidar com a saudade, mas a tecnologia de hoje em dia facilita o contato. Falo com ele todos os dias e contamos os dias para nos vermos”. Entrevistada 5.

A sexta entrevistada relata que tudo saiu conforme o planejado na Itália. Namorando e sem

filhos, ela conta que teve apoio do namorado e de seus familiares, apesar de sua mãe ter ficado extremamente preocupada durante o período em que esteve sozinha em outro continente.

Devido à multiplicidade de papéis que as mulheres da atualidade assumem, vale ressaltar que, além de estudantes e estarem preocupadas com a vida acadêmica, sem terem pressa em casar e terem filhos, há a estudante que primeiro constituiu uma família para depois pensar no doutorado, aproveitando que o filho já é adolescente para a realização desse objetivo. A doutoranda ressalta a necessidade que as mães têm em crescer profissionalmente e culturalmente para poderem proporcionar o melhor para os seus filhos, servindo de incentivo para eles no futuro.

“A experiência foi muito boa, mas os tempos são outros e as mulheres têm essa necessidade de crescer, de correr atrás dos sonhos, de aprender. Não só para ela, mas para seus filhos também.” Entrevistada 5.

Outro ponto a ser observado com a terceira entrevistada, de 29 anos e que ainda está fazendo o seu doutorado sanduíche em Londres, é o tratamento dos ingleses com os brasileiros que não é muito diferente dos franceses. Para sua moradia, a estudante conta que teve vários problemas de instalação, pois em Londres tudo é muito caro e burocrático. Quando chegou, ficou em um hostel até encontrar um lugar para morar durante um ano. Ela conta também que acabou se mudando de apartamento por três vezes, pois teve muitos problemas com as imobiliárias e proprietários dos apartamentos.

“Os ingleses não são muito educados, são rabugentos e eles têm certo preconceito com os brasileiros.” Entrevistada 3.

Também estudante em Paris, a quarta entrevistada, de 31 anos, relata que uma de suas maiores dificuldades foi se adaptar ao clima frio da Europa.

“Foi muito difícil no início, mas acabei me acostumando. Passei muito frio por lá e não me agasalhava de maneira satisfatória.” Entrevistada 4.

Assim como em relatos anteriores, a quarta entrevistada conta que os franceses são difíceis de relacionar e que não fez amizade com os mesmos. Como tinha muitos estudantes brasileiros e amigos que já moravam por lá a estudo, ela ressalta que não teve problemas com solidão e que andava acompanhada dos amigos e colegas na maior parte do tempo.

“A maioria era brasileiro e um ajudava o outro com o idioma e com a localização dos lugares.” Entrevistada 4.

Com a quinta entrevistada, não foi diferente. Estudante em Portugal, a doutoranda de 36 anos relata também que teve somente dificuldades com a adaptação ao clima frio da Europa e que com o idioma foi tudo muito simples de entender. Porém, diferente das outras entrevistadas, ela foi muito bem recebida pelos portugueses, não tendo problema em fazer novas amizades e nem de se deslocar pela cidade.

A sexta entrevistada, de 30 anos, que estudou na Itália, relata que a sua adaptação no país foi bem difícil, devido às diferenças culturais e climáticas que enfrentou.

“Como tenho alguns probleminhas de saúde, procurei médicos para fazer um check-up e me certificar que poderia estar bem durante os 6 meses na Itália. Além disso, levei muitos remédios e roupas de frio por causa do clima. Quanto à minha adaptação, não os primeiros dias não foram fáceis, pois só sabia falar inglês e ninguém falava esse idioma em Florença” Entrevistada 6.

Outro fato importante a ser abordado é que, devido às circunstâncias atuais, as mulheres têm maior liberdade de escolha e estão priorizando seus estudos e vidas profissionais, antes de se tornarem esposas e mães. As que já são mães - realidade apenas de duas das entrevistadas - encontram formas de conciliar estudos e maternidade com a carreira profissional, pois as mesmas esperaram certo tempo para realizarem o doutorado sanduíche no exterior.

“É difícil eu ter que me afastar do meu filho de 14 anos, da família e da zona de conforto, mas se eu estou aqui é mais por causa dele, do que vou proporcionar a ele. Além do mais, é importante nos afastarmos do nosso país para entendermos outra realidade; termos outra visão de como as coisas funcionam”. Entrevistada 5.

Ao analisarmos as seis entrevistas acerca do processo de adaptação enfrentadas para que pudessem realizar os seus estágios de doutorado em outros países, mais precisamente na Europa, constata-se que nenhuma delas passou por algum contratempo que lhe tenha causado algum tipo de constrangimento grave. Aliás, observa-se que as dificuldades enfrentadas por elas não fogem do comum quando se trata de moradia e adaptação em um país completamente diferente do nosso. Porém, mesmo em situações cotidianas e sem nenhum acontecimento grave, é fato afirmar que as seis entrevistadas sentiram e suas dimensões já explicitadas. Além disso, por se tratar de um país desconhecido, com pessoas nunca antes vistas e com uma cultura completamente diferente da brasileira, é natural sentirem medo social e seus tipos, mas não diante dos fatos relatados, mas sim por serem “tratadas como mulheres” e se sentirem apreensivas perante a nova realidade e o preconceito do país estrangeiro.

Além da dificuldade em se comunicar, em se adaptar ao frio excessivo e à alimentação,

pequenos problemas burocráticos de moradia, de relacionamento com moradores locais foram relatados por elas. Por esse motivo e por construírem uma nova identidade em um local completamente novo, pelo fato de serem mulheres e estarem sozinhas, são desencadeadas situações que fazem com que elas sejam tratadas de maneira diferenciada, sentindo, por muitas vezes, falta de suas rotinas e de seus familiares no Brasil.

“Por mais que eu quisesse muito morar na França, sentia saudades de casa; da minha rotina; dos meus amigos e dos meus pais. Nada melhor do que o meu país. No Brasil me sinto menos observada e mais livre”.
Entrevistada 2.

Portanto, é importante abordar que, por mais que para todas elas morar no exterior tenha sido uma experiência incrível em termos culturais, intelectuais e por proporcionar maior experiência e autonomia a essas estudantes, prevalecem preconceito e discriminação de gêneros em outros países (ONU MULHERES, 2015).

4.5. REFLEXÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA DE MORAR NO EXTERIOR

Para todas elas, voltar para o Brasil é algo obrigatório ao longo da estada em outro país. Das seis entrevistadas, é importante ressaltar que apenas uma delas tem intenção de voltar ao exterior para morar algum dia, justamente por causa do seu namorado que mora em Londres. No entanto, as outras entrevistadas, ressaltam que o desejo de morar em outro país é apenas a estudo e seus futuros profissionais estão em seus países de origens, relatando, por muitas vezes, sentirem falta da forma como o brasileiro trata as pessoas, de maneira mais acolhedora e afetiva.

“O povo francês é frio e tem a cultura muito diferente da nossa, me sinto muito mais à vontade no Brasil e muitos estudantes brasileiros que estão lá têm a mesma impressão. Paris não é tudo isso que as pessoas imaginam. É linda, há uma diversidade incrível de roteiros turísticos, de cultura, mas quem é daqui, ao morar lá, sente falta de muitas coisas do nosso país e da receptividade do brasileiro”.
Entrevistada 1.

Analisando as respostas das entrevistas, nota-se certo “apego” de suas vidas e rotinas no Brasil que, apesar de terem um objetivo em optar por passar uma temporada longe, é em seus países que elas se sentem mais felizes e realizadas, conforme o relato da segunda estudante.

“Queria era voltar logo, pois não aguentava mais estar longe da minha rotina e viver em país completamente diferente do nosso. Também, não tive medo em não conseguir alcançar os meus objetivos ao voltar ao Brasil porque por lá, apesar de me sentir angustiada e um pouco triste,

consegui manter o foco e fazer as pesquisas solicitadas. Na realidade, a única situação que me incomodava era o fato de lidar com a saudade e me manter ocupada na maior parte do tempo para que o ano passasse bem rápido, pois contava os dias para voltar para a casa”. Entrevistada 2.

É importante observar que há influência do “habitus” na construção da identidade dessas mulheres em outros países. Logo, no momento em que elas desocupam seus espaços simbólicos para se inserirem em outra estrutura social, estão levando com elas seus valores, costumes e culturas, dando continuidade de suas relações sociais em outro grupo (BOURDIEU, 1992).

Das seis entrevistadas, apenas duas ainda não voltaram ao Brasil, pois ainda estão no prazo de suas bolsas de doutorado, porém, já têm planos em continuar seus estudos, antes de se colocar no mercado de trabalho. Para todas elas, essa é uma experiência enriquecedora que ultrapassa barreiras e aumenta as chances de um excelente emprego como docente. Já, as que voltaram ao país, estão, aos poucos, retomando suas rotinas e se readaptando às suas culturas de origem.

“Acabei de voltar ao Brasil, por isso, ainda não pensei exatamente como será a minha rotina por aqui, porém, já estou me organizando, abrindo novamente minha conta no banco e retornei para o apartamento que morava com uma amiga. Ainda não pensei em emprego, somente em continuar os meus estudos, mas não descarto a oportunidade de fazer concursos como docente em Universidades. É tudo uma questão de me readaptar novamente”. Entrevistada 6.

5. VOCÊ TEVE MEDO?

Para investigar a questão que norteia essa pesquisa, optou-se por analisar as respostas das seis entrevistadas, considerando suas experiências no exterior e a falta que sentiram de suas rotinas no Brasil. Ademais, ao aplicar a entrevista com as estudantes, buscou-se primeiramente verificar se a questão do medo aparecia de modo espontâneo, conforme as perguntas 2 e 3. Observou-se, nas entrevistas, que ao chegar no exterior, as estudantes sentiram certo receio em deixar suas famílias, namorados e amigos, pois se sentiram solitárias e o medo que sentiram foi de não se adaptar à nova rotina do país durante todo o tempo da bolsa de doutorado e de não concluírem seus objetivos.

Na última etapa da entrevista, perguntou-se, de forma precisa, se sentiram medo em algum momento, por meio da questão: *“Tendo em vista que viajar para o exterior traz uma série de modificações para a tua vida, em algum momento você sentiu medo?”*. E, por fim, ao relacionar o sentimento de medo com a questão de gênero, perguntou-se a elas: *“Qual a sensação de ser mulher sozinha, morando em um país estrangeiro? Como você se sentiu?”*.

É importante observar que o conceito de medo social (BAIERL, 2004) e os seus dois tipos:

medo primário e medo privado (BAUMAN, 2006) estão presentes nas respostas de todas as seis entrevistadas que, por meio de seus relatos e por serem mulheres estrangeiras, admitem sentirem medo em situações cotidianas como ir à universidade e sair à noite sozinhas em ruas isoladas. Para todas elas, o medo, quando manipulado de maneira correta, pode ser benéfico para a tomada de alguma decisão, porque, ao sentirmos pânico, devido a algum acontecimento próximo ou a algo que está se concretizando, temos a consciência de que acontecerá algo novo e que pode ser bom ou ruim, servindo como um sentimento de alerta (BAIERL, 2004).

No quadro, 4.3, exposto a seguir, é apresentada uma sistematização do conceito de medo social e como ele foi investigado e analisado, por meio de dimensões e indicadores que explicam os principais sentimentos descobertos durante a entrevista e como esse medo é apresentado na rotina de cada uma das estudantes.

5.1. ANÁLISE DE MEDO E GÊNERO

	Dimensões analíticas do conceito	Indicadores
Medo Social	Medo como “estado emocional”	Angústia e solidão, covardia, ansiedade e medo do país estrangeiro.
	Medo Primário	Auto-restrições e privações da liberdade.
	Medo Privado	Modificações nos hábitos e alterações nas rotinas.

5.1.1. MEDO COMO ESTADO EMOCIONAL

A primeira dimensão que observa o estado emocional das entrevistadas durante o tempo em que moraram em outro país constatou que as mesmas sentiram angústia, solidão, covardia, ansiedade e medo do país estrangeiro. A angústia que é uma sensação psicológica caracterizada pelo sufocamento e inquietude diante de certas situações difíceis surgiu principalmente durante o primeiro momento de adaptação em que elas ainda se sentiam inseguras por terem feito ou não a melhor escolha.

Além do mais, essa angústia e medo de não conseguirem terminar o estágio de doutorado no tempo estimado, foi resultado da solidão que sentiram por estarem longe de suas casas e de seus familiares. Concluiu-se, também, que essas sensações foram evidentes, principalmente, com metade das entrevistadas que, em algum momento, pensaram em desistir e voltar ao Brasil.

“Fiquei bastante angustiada e ansiosa para saber se tudo dará certo. Também um pouco apreensiva e receosa pelo desconhecido e, talvez, por me arrependeu de minha decisão, pois tive que me “desligar” temporariamente das minhas coisas no Brasil”. Entrevistada 6.

A angústia que a segunda entrevistada sentiu está relacionada à sensação de saudade que sentiu de casa e de sua família, não tendo relação de gênero com o medo social que sentiu quando morava na Europa. Assim, pode-se dizer que se sentir angustiada não é algo exclusivo entre as mulheres, mas algo pessoal, independente do sexo.

Ausência de coragem ou sentimento de covardia esteve presente no cotidiano de uma estudante que confessou não gostar de estar longe de sua rotina do Brasil, sentindo-se muito sozinha. Além de quase desistir da bolsa, ela conta que teve medo em não atingir o seu objetivo na bolsa de doutorado.

“Queria era voltar logo, pois não agüentava mais estar longe da minha rotina e viver em país completamente diferente do nosso. Também, não tive medo em não conseguir alcançar os meus objetivos ao voltar ao Brasil porque por lá, apesar de me sentir angustiada e um pouco triste, consegui manter o foco e fazer as pesquisas solicitadas. Na realidade, a única situação que me incomodava era o fato de lidar com a saudade e me manter ocupada na maior parte do tempo para que o ano passasse bem rápido, pois contava os dias para voltar para a casa”. Entrevistada 2.

Essa sensação de fraqueza é comum entre as mulheres em situações em que se sentem vulneráveis e expostas a comentários maldosos por estarem sozinhas e serem brasileiras, pois elas são mal vistas pelos estrangeiros por transmitirem uma imagem de que no Brasil apenas têm samba, futebol, festa, gente cordial, caipirinha e mulheres (CARTA CAPITAL, 2014). Porém, observa-se em um dos relatos que as sensações de medo e covardia, juntamente com a vontade de desistir de seus projetos no exterior, apesar da grande vontade que tinha anteriormente, só foram aliviadas após a presença da figura masculina do namorado de uma das entrevistadas, após cinco meses em Londres, ao qual a estudante se sentiu mais confiante e mais protegida.

“Sentia medo de tudo em Londres. Quase não saía de casa. Depois que conheci meu namorado que é escocês, me sinto mais protegida e comecei a viajar por toda a Europa com ele, sem me sentir insegura, ansiosa ou com medo de ser assaltado ou de ser alvo de comentários maldosos nas ruas” Entrevista 3.

5.1.2. MEDO PRIMÁRIO: AUTO-RESTRICÇÕES E PRIVAÇÕES DE LIBERDADE

O medo primário faz parte da segunda dimensão, pela qual tem como indicadores a auto-restrição e privações da liberdade. Conforme já explicado nesse trabalho, esse tipo de sentimento ocorre em grandes metrópoles, onde há violência, por exemplo. Assim, a insegurança é tão grande que ocasiona bloqueio emocional e impede que a pessoa saia de casa, restringindo-se e privando-se de seguir sua rotina como de costume. Observa-se, também, que, apesar de ser bem comum entre as mulheres, às quais se sentem aflitas diante de novas situações e desafios, essa dimensão ocorreu com apenas uma das entrevistadas que, por conta da preocupação excessiva, admitiu que, por vários momentos e com receio de que acontecesse algo grave, deixou de sair de casa com medo de ser assaltada ou de se perder pelo fato de ser mulher e não se sentir protegida no meio da multidão, pela qual não está acostumada.

“Senti principalmente medo do desconhecido, por andar nas ruas sozinha, de me perder, de ser assaltada, de ser assassinada e não conseguir voltar para casa, porque a mulher quando está sozinha, em qualquer canto do mundo, ela se sente mais desprotegida e eu me sentia muito insegura aqui. Por causa disso, passo a maior parte do tempo em casa mesmo e não saí para conhecer toda a Europa de metrô como todo mundo faz. Tenho pânico de cidade grande, porém, com a minha alegria em estar aqui e estar realizando um sonho antigo, o medo está se acabando”. Entrevistada 3.

A análise da entrevista da estudante acima leva à constatação de que trocamos segurança por proteção, isto é, diante do medo da terceira entrevistada é evidente que a mesma sente uma forte insegurança, principalmente por não estar acostumada a uma cidade tão grande e por ser do interior do Brasil, que a proteção que ela sente em seu país de origem é fundamental e o que mais sente falta por estar longe. Ademais, como já informado, a doutoranda que está namorando um estrangeiro em Londres, conta que apenas começou a sair para outros lugares, além da universidade, e para outros países depois que começou a namorar por causa da proteção que sentiu por estar sendo acompanhada por alguém do sexo masculino. Observa-se, dessa maneira, que esse medo construído por ela ser mulher não é mais tão evidente, pois não se sente mais sozinha e insegura ao andar nas ruas da Inglaterra.

5.1.3. MEDO PRIVADO: MODIFICAÇÕES NOS HÁBITOS E ALTERAÇÕES NAS ROTINAS

Quanto à última dimensão analisada para essa pesquisa, o medo privado é mais comum e

menos radical do que o primário. Mais presente entre as seis entrevistadas, todas elas relataram algum sentimento de insegurança que as fizeram se sentir tensas, estressadas e com as rotinas alteradas porque, em algum momento, o foco em seus estudos teve que ser adiado ou interrompido devido à preocupação que sentiram em estarem sozinhas, em ter que se comunicar em outro idioma, em pensar no que deixaram e o que precisam assumir quando voltarem ao Brasil, pensar na proteção do filho, da família, do namorado ou do companheiro. Enfim, anseio do que pode dar errado e o fato de não terem ninguém dos seus convívios no Brasil para protegê-las, fez que seus hábitos fossem modificados e suas rotinas fossem alteradas.

Para essa dimensão, podemos percebê-la, tais quais seus indicadores, na fala de uma das entrevistadas que, ao ser mulher e não se sentir segura em áreas mais isoladas de Paris, percorria caminhos diferentes.

“Em Paris Voltava no máximo meia-noite e de táxi, pois, apesar de ser segura, ao ser mulher e andar sozinha, a pé, sempre se corre o risco de acontecer alguma coisa, porque lá também ocorre violência, mas não tão frequentemente como no Brasil ”. Entrevistada 1.

“Em Porto Alegre, sabia sempre para onde ir, com quem ir, o que fazer e para quem pedir ajuda ou explicação sobre algo, sentia-se sempre mais em casa. Já na França, passava a maior parte do tempo sozinha e estudando na biblioteca imensa da Universidade e quando saía, procurava voltar cedo, sempre de taxi, pois não se sentia segura ao andar sozinha à noite”. Entrevistada 1.

O medo que a primeira entrevistada sentiu foi, na verdade, da solidão e de andar sozinha em certos lugares isolados. Logo, percebemos, de acordo com a fala dela, o presente tipo de medo que a fez seguir um caminho diferente - no caso em andar de táxi para evitar ruas isoladas, essas que poderiam ter sido percorridas a pé, em menos tempo - para evitar algum ato de violência ou insegurança nas ruas.

Como abordados, diante dos relatos das entrevistadas, os dois medos conceituados por Bauman (2006) são semelhantes no sentido de proporcionar uma espécie de fuga. Sendo assim, eles as limitam, de forma com que essas mulheres alterem suas rotinas ou que desistam de seus objetivos por insegurança ou por não saberem administrar esse sentimento de medo.

Observou-se, por meio das respostas das entrevistadas que, de alguma maneira, todas as estudantes sentiram algum tipo de medo - desde os mais comuns, ocasionados a qualquer turista, independente do sexo, como não se adaptar à cultura e ao idioma e não conseguir desenvolver as pesquisas propostas na bolsa de doutorado, até os medos mais profundos como ter insegurança e

ansiedade acerca da violência e de não conseguir sair de casa para evitar alguma situação de pânico. Além do mais, o fato de ser mulher e estar sozinha em um país distante e com pessoas desconhecidas despertou certa sensação de insegurança, de que estavam sendo vigiadas e assediadas, evitando, para algumas, caminharem sem companhia em certos horários para evitar situações constrangedoras. Logo, pode-se dizer que os amedrontamentos citados acima, conceituados em diferentes dimensões e indicadores, são resultado da desigualdade e preconceito de gênero no mundo todo.

Em suma, ao ser mulher, cada uma das entrevistadas, relatou que sofreu alguma situação de pavor e insegurança por estarem sozinhas ou algum tipo de discriminação por não estarem acompanhadas da “figura” masculina. Portanto, por mais que sentir medo seja comum entre os dois gêneros, observa-se ao analisar as entrevistas, que ao ser mulher essa sensação é mais evidente e muito mais frequente em torno da insegurança que elas sentem em razão de uma suposta dominação masculina (BOURDIEU, 1999) gerada ao longo das gerações e da imagem cultural criada pela sociedade. O sexo feminino foi construído como frágil e submisso, porém, fica evidente uma evolução nos papéis femininos. Todavia, em alguns momentos, há um conflito entre as escolhas femininas – estudar sozinha no exterior, por exemplo – e as normas de comportamento naturalizadas no social.

Por sermos carentes de certeza, de proteção e de segurança, os medos são muitos durante a vida de todas as pessoas, independente do gênero. Porém, para as mulheres, por causa do lugar subalterno e da condição social inferior que a sociedade construiu para elas, ao longo dos anos, faz com que elas sintam outras formas de ameaça e insegurança, que estão relacionadas às relações entre o feminino e o masculino.

CONCLUSÃO

Ao escolher o tema dessa pesquisa – relação entre medo e gênero – e focalizar as estudantes do sexo feminino que optam por realizar um doutorado sanduíche no exterior procurou-se problematizar o imaginário social baseado nas definições do que é ser mulher e o próprio comportamento feminino. Por meio dessa decisão, essas mulheres precisam deixar de lado alguns projetos, família, filhos, maridos ou companheiros, para se dedicar a uma pesquisa relacionada a sua área de formação. Potencialmente, isso lhes ajudará na conquista de seus objetivos profissionais e, apesar da naturalização dessa escolha e do crescente investimento das mulheres na vida acadêmica, há um forte preconceito por parte da sociedade que sempre determinou outras atribuições às mulheres por conta de seu sexo biológico. Diante desse conflito de gênero, constatou-se que, por serem mais vulneráveis que os homens, o medo social é uma realidade na vida dessas estudantes, por não se sentirem seguras e nem protegidas em um país estrangeiro. Esses sentimentos são nitidamente provocados pela consciência de pertencer ao sexo feminino.

Ao analisar as entrevistas, observou-se que o medo, em suas diferentes manifestações, ocorreu com todas as seis estudantes, pois, ao saírem de seus lares no Brasil, estão vivenciando novas culturas e rotinas e, assim, alterando suas formas de agir, seus comportamentos e seus cotidianos para se adaptarem a uma nova realidade, até então desconhecida. Além do mais, notou-se que há certo receio dessas estudantes ao deixarem seus países de origens e não conseguirem alcançar seus objetivos profissionais e pessoais.

Verificou-se também que, apesar de decididas em levar uma vida acadêmica, algumas delas estão postergando o matrimônio e a maternidade para primeiro firmar-se em suas profissões. Já, apenas duas delas, mais maduras, casaram, constituíram família e deixaram os estudos em segundo plano. Assim, uma delas com filho adulto e outra com um filho adolescente e ambas divorciadas, decidiram realizar esse objetivo, desde jovens, justamente para proporcionar um futuro melhor a seus herdeiros.

Independente da faixa etária dessas mulheres, todas elas optaram por seguir esse objetivo, apesar de todos os obstáculos como: sentir saudades de casa, do clima, dos familiares e da opinião de terceiros de que o que estão fazendo foge do tradicional e da cobrança que a sociedade tem de que toda mulher só estará realizada se estiver casada e com filhos. Logo, constatou-se que há uma desconstrução de comportamento feminino, ou seja, uma mudança significativa de papéis que, antes, priorizar carreira e estudo para sustentar uma família era papel somente dos homens. Agora, nota-se que, de acordo com o resultado das entrevistas aplicadas, as mulheres estão priorizando os

estudos e realização profissional, antes de pensar em constituir uma família, postergando ou até adiando o desejo de serem mães para se dedicar aos seus estudos e as suas profissões.

Diante do exposto até aqui, concluiu-se que o medo social é manifestado nas entrevistadas por razão de suas identidades femininas que foram criadas socialmente, ao longo dos anos, por meio da dominação masculina (BOURDIEU, 1999), pela qual é manifestada através de uma visão conservadora da sociedade em que a biologia e o corpo estão interligados para a formação da desigualdade entre os gêneros. Nessa perspectiva, por ser um problema social de gênero, valorizou-se também ressaltar o fato de que, apesar de estar em países desenvolvidos e com culturas completamente diferentes, o tratamento que recebem por ser mulher não difere muito daquele que se percebe no Brasil. Isso apenas reforça ainda mais a insegurança que sentem diante do fato de serem do sexo feminino.

Por fim, para que esses novos papéis exercidos pelas mulheres sejam realmente aceitos e adaptados a uma nova realidade, em que elas são livres para decidir o que querem de suas vidas, mesmo que para isso tenham que abdicar de certas condutas tradicionais, é necessária reflexão para que a sociedade deixe de reproduzir o imaginário construído em torno da dominação masculina. Assim, é tarefa fundamental que todos repensem esses valores para que haja reinterpretação do social que incorpore os valores femininos de forma adequada e atualizada. Com essa possibilidade de mudanças de padrões tradicionais, o medo social, dessa maneira, não seria tão constante na vida dessas mulheres.

REFERÊNCIAS

- TAKAHASHI, Henrique Yagui. **SALIH, Sara. Judith Butler e a Teoria Queer**, 2003. **Revista de Sociologia da UFSCAR**, São Paulo, v. 5, n.2 .Disponível em: <www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/.../89>. Acesso em: 20 ago. 2015.
- SCOTT, Joan. **Gênero: Uma Categoria Útil para Análise Histórica**, 1995. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n.2. Disponível em: <<http://www.direito.mppr.mp.br/arquivos/File/SCOTTJoanGenero.pdf>> Acesso em: 02 set. 2015.
- SCAVONI, Lucila. **Estudos de Gênero: uma sociologia feminista?**, 2008. **Revista de Estudos Feministas**, Santa Catarina, v. 16, n. 1. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2008000100018> >. Acesso em: 24 ago. 2015.
- RODRIGUES, Carla. **Butler e a desconstrução do gênero**, 2005. **Revista de Estudos Feministas**. Resenha do livro “*Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*”, *Judith Butler*. <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2005000100012&script=sci_arttext>. Acesso em: 27 set. 2015.
- MISKOLCI, Richard. **A Teoria Queer de Michael Foucault e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização**, 2009, p. 150-182. <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n21/08.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2015.
- KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do Turismo. Para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. São Paulo: Aleph, 2009, p. 51-127.
- HIRATA, Helena. **Globalização e divisão sexual do trabalho**. 2001. <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n17-18/n17a06>>. Acesso em: 20 set. 2015.
- HIRATA, Helena. **Trabalho, educação e saúde. Rio de Janeiro**, março de 2016. <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462006000100013>. Acesso em: 21 set. 2015.
- GONÇALVES, Márcio Teixeira. **HIRATA, Helena. Nova divisão sexual do trabalho? Um olhar voltado para a empresa e a sociedade**, 2002. **Revista Geografia**, Londrina, PR, v. 24, n. 1. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/download/.../6079>> . Acesso em: 24 set. 2015.
- FURLIN, Neiva. **A Categoria de Gênero e o seu Estatuto na Produção do Conhecimento: Algumas Considerações Teóricas**, 2014. **Revista Sociais e Humanas**, Cascavel, PR. V. 27, n. 2. Disponível em: <<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/sociaisehumanas/article/view/12751>>. Acesso em: 02 set. 2015.
- FRIEDAN, Betty. **A Mística Feminina**, Rio de Janeiro: Editora Vozes Limitada, 1963.
- CORREA, Mariza. **O Sexo da Dominação**, 1999. **Revista de Sociologia da USP**, São Paulo, v. 11, n. 1. Disponível em: <http://novosestudos.org.br/v1/files/uploads/contents/88/20080627_bourdieu_e_o_sexo.pdf>.

Acesso em: 20 out. 2015.

CORREA, Mariza. **Do feminismo aos estudos de gênero no Brasil: um exemplo pessoal**, 2001. <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n16/n16a02.pdf>>. Acesso em: 06 set. 2015.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2002.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**. São Paulo: Editora Difusão Européia do Livro, 1970.

BAUMAN, Zygmunt. **Medo Líquido**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2008.

BAIERL, Luiza Fatima. **Medo Social: da Violência Visível ao Invisível da Violência**. São Paulo: Editora Cortez, 2004, p. 13-52.

REVISTAS NÃO CIENTÍFICAS E TEXTOS OBTIDOS NA INTERNET

UOL EDUCAÇÃO. **Feminismo: Movimento surgiu na Revolução Francesa**. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/disciplinas/sociologia/feminismo-movimento-surgiu-na-revolucao-francesa.htm>>. Acesso em: 02 nov. 2015.

SENKEVICS, Adriano. **O conceito de gênero por Gayle Rubin: o sistema sexo/gênero**, 2012. Disponível em: <<https://ensaiosdegenero.wordpress.com/2012/04/16/o-conceito-de-genero-por-gayle-rubin-o-sistema-sexogenero/>>. Acesso em 22 ago. 2015.

RIBEIRO, Paulo Rennes. **Movimento feminista: problematizando o espaço da mulher na sociedade**. 2009. Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=14636>>. Acesso em: 18 nov. 2015.

REVISTA TPM. **Toda mulher sonha em ter filhos. Hein?!?**. Ariane Abdallah, Luciana Obinski. Disponível em: <<http://revistatpm.uol.com.br/revista/120/reportagens/toda-mulher-sonha-em-ter-filhos-hein.html>>. Acesso em: 12 out. 2015.

REVISTA EXAME. **Mulheres da classe C viajam mais que os homens**. 2011. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/marketing/noticias/mulheres-da-classe-c-viajam-mais-que-os-homens>>. Acesso em: 24 nov. 2015.

RENNÓ JR, Joel. **Mulheres são mais suscetíveis à ansiedade do que os homens**. 2007. Disponível em: <<http://abp.org.br/portal/clippingsis/exibClipping/?clipping=5472>>. Acesso em: 26 nov. 2015.

PORTAL G1. **Desigualdade entre homens e mulheres começa na infância**. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/blog/andrea-ramal/post/desigualdade-entre-homens-e-mulheres-comeca-na-infancia.html>>. Acesso em: 26 nov. 2015.

MONTEIRO DE BARROS, Alice. **Cidadania, Relações de Gênero e Relações de Trabalho**.

Revista do TRT 3ª Região, 2008. Disponível em:
<http://www.trt3.jus.br/escola/download/revista/rev_77/Alice_Barros.pdf>. Acesso em: 04 nov. 2015.

MINHA VIDA. **Medo de ser julgado atormenta quem tem fobia social. 2010.** Disponível em:
<<http://www.minhavidacom.br/bem-estar/materias/11439-medo-de-ser-julgado-atormenta-quem-tem-fobia-social>>. Acesso em: 25 nov. 2015.

MERIDIANOS, 360. **Quem tem medo de viajar? 2015.** Disponível em:
<<http://www.360meridianos.com/2015/06/quem-tem-medo-de-viajar.html>> Acesso em: 25 nov. 2015.

MACHADO, Leonor Sá. **Igualdade de gênero: O papel da mulher no desenvolvimento sustentável da sociedade. 2013.** Disponível em:
<<http://thebridgeworld.org/blog/2013/09/17/igualdade-de-genero-o-papel-da-mulher-no-desenvolvimento-sustentavel-da-sociedade/>> . Acesso em: 15 nov. 2015.

MACHADO, Giancarlo. **As mulheres e o “carrinho”: gênero e corporalidade entre as skatistas. 2013.** Disponível em:
<http://www.fazendogenero.ufsc.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=605>. Acesso em: 14 nov. 2015.

MACIEL SILVEIRA FILHO, FRANCISCO. **O tênue trânsito da igualdade na diferença: a força do feminino na evolução das relações de gênero.** Disponível em:
<<http://www.trevistas.ua.pt/index.php/formabreve/article/viewFile/2320/2180>>. Acesso em: 02 nov. 2015.

LUCENA, Mariana Barreto Nóbrega de. **Os debates do movimento feminista: do movimento sufragista ao feminismo multicultural.** Disponível em:
<<http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/17redor/17redor/paper/viewFile/100/49>>. Acesso em: 04 jan. 2016.

LIVRE, Catraca. **Dez dicas para mulheres que viajam sozinhas.** Disponível em:
<<https://catracalivre.com.br/geral/viagem-acessivel/indicacao/10-dicas-para-mulheres-que-viajam-sozinhas/>>. Acesso em: 14 set. 2015.

GOMES, Rodrigo. **Medo já impediu 90% das mulheres jovens a realizar alguma atividade social.** Disponível em: <<http://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2015/06/medo-ja-impediu-90-das-mulheres-jovens-de-realizar-alguma-atividade-social-2230.html>>. Acesso em: 07 nov. 2015.

ESQUERDA.NET. ONU **Mulheres: “Discriminação de gênero continua a prevalecer no mundo”.** Disponível em: <<http://www.esquerda.net/artigo/onu-mulheres-%E2%80%9Cdiscrimina%C3%A7%C3%A3o-e-injusti%C3%A7-de-g%C3%A9nero-continuam-prevalecer-no-mundo%E2%80%9D>>. Acesso em: 25 out. 2015.

DW, MADE FOR MINDS. **1960: Primeira pílula anticoncepcional chega ao mercado.** Disponível em: <<http://www.dw.com/pt/1960-primeira-p%C3%ADlula-anticoncepcional-chega-ao-mercado/a-611248>>. Acesso em: 20 out. 2015.

DUTRA, Ariel. **A Dominação Masculina de Pierre Bourdieu, 2015.** Disponível em:

< <http://letrafilosofia.com.br/a-dominacao-masculina-em-pierre-bourdieu/4/>>. Acesso em: 26 nov. 2015.

D'ELIA, Karla Alessandra de Amorim. **Uma abordagem psicológica sobre o medo**. Disponível em: <<https://psicologado.com/atuacao/psicologia-clinica/uma-abordagem-psicologica-sobre-o-medo>>. Acesso em: 10 set. 2015.

CARTA CAPITAL. **A mulher brasileira existe, mas não para satisfazê-los. 2014**. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/blogs/escritorio-feminista/nos-existimos-mas-nao-para-satisfaze-lo-6118.html>>. Acesso em: 12 nov. 2015.

CAPES. **Programa de Doutorado Sanduiche no Exterior**. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/component/content/article?id=4561>>. Acesso em: 06 out. 2015.

CAMPOS, Mari. **Mulheres brasileiras estão viajando mais sozinhas**. Disponível em: <<http://www.maricampos.com/mulheres-brasileiras-estao-viajando-mais-sozinhas/>>. Acesso em: 14 set. 2015.

BOL NOTICIAS. **A violência machista e a diferença salarial na Europa. 2012**. Disponível em: <<http://noticias.bol.uol.com.br/internacional/2012/03/15/a-violencia-machista-e-a-diferenca-salarial-na-europa.jhtm>> . Acesso em: 08 nov. 2015.

BEZERRA, Paula Natanny. **Tem mulher na roda? Perspectivas femininas sobre relações de gênero e feminilidade na capoeira. 2013**. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=605>. Acesso em: 16 nov. 2015.

BBC BRASIL. **Mais escolarizadas, mulheres ainda ganham menos e têm dificuldades de subir na carreira**. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/10/141031_desigualdade_fd>. Acesso em: 12 out. 2015.

BAGGIO, DANIELE. **Angst: medo, angústia e ansiedade em psicanálise**. Disponível em: <<http://danielebaggio.blogspot.com.br/2012/11/angst-medo-angustia-e-ansiedade-em.html>>. Acesso em: 01 nov. 2015.

BANCO MUNDIAL. **Relatório sobre igualdade de gênero e desenvolvimento 2012**. Disponível em: <<http://www.ccoms-imsuerj.org.br/?p=474>>. Acesso em: 04 nov. 2015.

ANOVENTA, Amanda. **Mulheres que viajam sozinhas são mais autoconfiantes**, Jornal Estadão, 2015. Disponível em: <<http://viagem.estadao.com.br/blogs/amanda-viaja/mulheres-que-viajam-sozinhas-sao-mais-autoconfiantes/>>. Acesso em: 07 set. 2015.

ANAGRAMA, Revista. **O antes, o depois e as principais conquistas femininas**. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/anagrama/article/viewFile/7709/7110>>. Acesso em: 10 set. 2015.